REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)…	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral doscorreios)	5$000	2$500	—$—	—$—

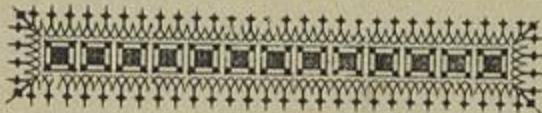
22.º Anno — XXII Volume — N.º 755

20 DE DEZEMBRO DE 1899

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa. L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Em que se ha de falar senão na guerra?

Anda o mundo espantado da má figura que fazem os leões de fama contra o que muitos suppunham mosquitos.

Derrotas sobre derrotas, franca, e sympathicamente á força de franqueza, confessadas pelos inglezes, são as novas de cada dia.

E é innegavel que o mundo inteiro vai revelando uma sympathia pelo Transvaal, que deve assustar algum tanto a orgulhosa Inglaterra, que tantas vezes humilhou as nações pequenas. E o castigo é tal agora, que já principia a inspirar piedade ainda nos mais fervorosos inimigos.

Mais uma vez se mostra a verdade do velho proverbio portuguez, que tem cada qual tanta força em sua casa, que, até depois de morto, são precisos quatro homens para d'ella o arrancarem.

A victoria final dos inglezes é simples questão de tempo, diziam muitos. Talvez seja assim, mas de muito tempo n'esse caso.

As ultimas noticias chegadas contam prodigios de valor e de tactica da parte dos boers, que ninguem suppunha tão bem armados, nem capazes de fazer a Chamberlain & C.ª passar tão máos quartos d'hora.

Más horas vamos nós passando tambem e todos andamos desconfiados do futuro que nos espera.

O orgulho é sempre, tarde ou cedo castigado, que o digam os inglezes agora; mas castigo ha de ter um dia tambem a nossa humilde indolencia.

Entretanto vamos philosophando, fazendo conjecturas, apresentando idéas, discorrendo sobre futuros proximos ou remotos, e olhando melancolicamente para a chuva que cai, oiro para as terras, porcaria nas ruas de Lisboa, ha muitos dias intransitaveis.

Dois homens no vão d'uma escada, durante uma valente bátega d'agua, discursavam sobre o assumpto obrigado.

— Com esta carga é que os inglezes agora ficam arranjadinhos!

Lembrei-me d'aquelle delicioso quarto acto dos *Amants*, quando a mulher pede ao amante, que vai para o outro hemispherio, que todas as noites, a uma certa hora olhe para a Grande Ursa, unica constellação que ella conhece. E o pobre homem, em horas de tanta saudade, a ter que explicar que a terra é redonda, que lá é dia, quando cá é noite...

Que tristes dias teem sido estes! O catavento não deixa de olhar para o sul. A luz só por instante apparece no grande circulo azul, cravejado de estrellas. Logo as nuvens pardas a encobrem e a chuva cai monotona, serena, com tristeza na cidade, enchendo de alegria a gente do campo, para quem as chuvas já iam tardando.

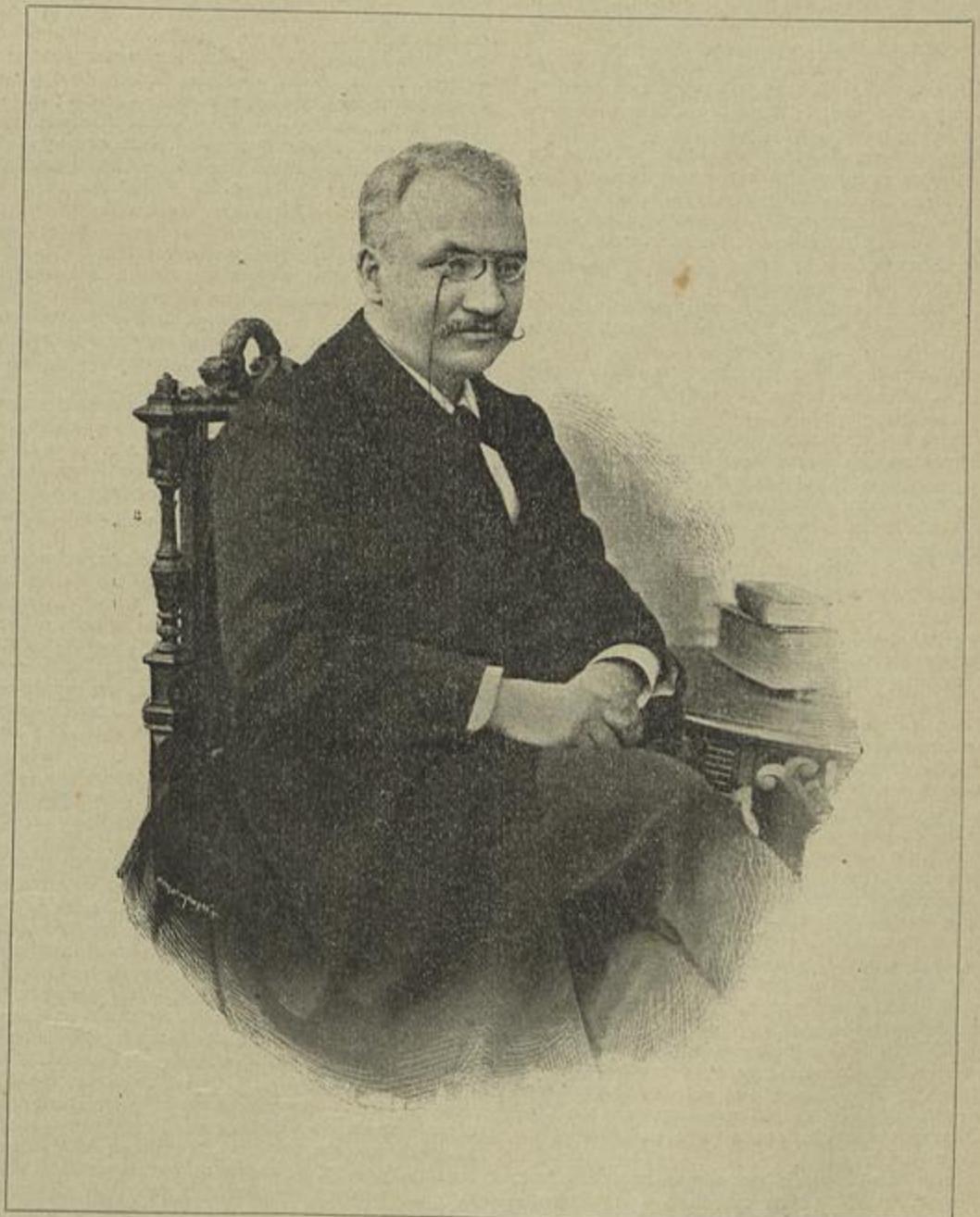
Os dias escuros enchem de melancolia as almas, levam-as a idéas tristes.

Mas breve vão chegar o Natal, as ferias, a grande alegria nas casas com as gargalhadas das crianças. Então para longe tristezas! Teremos para nos alumiarem nas compridas noites, melhor do que o sol em maio, os olhos ridentes dos nossos filhos.

Como o sol é pállido agora, quando, por entre farrapos ferrugentos, nos diz, á tarde, o ultimo adeus!... Façamos-lhe a vontade.

Sepultou-se, ha dias, o cadaver d'um homem prestimoso, José Ferreira Chaves, que, durante muitos annos, foi professor na Escola de Bellas-Artes. Interinamente dirigiu a cadeira de pintura historica. Deixou um grande numero de quadros, em que avultam, como de maior merecimento, alguns de flôres em cuja pintura era eximio. Muitos dos nossos mais illustres artistas deveram muitissimo a seus conselhos. Trabalhou pela educação e foi por isso um benemerito.

O mesmo diremos de Soror Philomena du Chantal, que muitos annos dirigiu um dos melhores estabelecimentos de educação existentes em Portugal, e cujo cadaver ao cemiterio de Ajuda foi acompanhado por numeroso sequito de antigas discipulas e suas familias.

Eleita, muitas vezes, pela communidade, directora do convento das Sallesias, e assumindo então o titulo carinhoso de *nossa mãe*, a santa senhora, cuja morte fez derramar muitas e senti-

ANTONIO JOAQUIM FERREIRA DA SILVA — LENTE DA ACADEMIA POLYTECHNICA DO PORTO

(Copia de uma photographia do sr. E. Biel)

das lagrimas, teve a consolação de formar muitas almas para o bem, de espalhar em muitos corações a semente das melhores virtudes. Quanto lhe não devem á boa mãe muitas senhoras, que foram excellentes filhas e são hoje mães de familia exemplares! Era um espirito superior, uma alma cheia de santas affeições, um coração ternissimo. Santo necrologio escreveram no chão do cemiterio as lagrimas que escorreram em fio por tantas faces, de tantos olhos que ella ensinou a olharem para o céo.

Descancem em paz os mortos.

Os vivos teem que esquecel-os ás vezes, porque o proprio dever os chama para as alegrias.

Temos o Natal á porta e é com alegria que que havemos de ouvir cantar a missa da meia noite. *Gloria in excelsis!*

Se o tempo assim continuar, havemos de festejal-o em casa, que a lama não nos deixa andar por essas ruas.

A lama do Chiado não quer perder da fama antiga. E preciso para atravessar aquelle oceano mais coragem do que a do Serpa Pinto para a sua travessia de Africa.

Dizia o Julio Machado que a especialidade d'aquella lama era a de fazer nodoas brancas nas botas pretas e nodoas pretas nas botas brancas.

Se o espirituoso observador voltasse ao mundo, encontrava tudo peor e o Chiado na mesma, mundo e Chiado a fornecerem-lhe historias, d'aquellas que só elle sabia contar com graça infinita.

Estava agora a chegar para elle o bom tempo. S. Carlos aberto. Que infinidade de anedoctas!

O Julio Machado tinha sobretudo a especialidade do exagêro. E a contar ainda era melhor do que a escrever. Sacudia a cabeça, esbogalhava os olhos, tinha um sorriso encantador por detraz do bigode muito cahido.

Um dia a falar d'um preto: — «Era um preto tão preto, que, se lhe fizesses um risco com um carvão na testa, fazias um risco branco!»

Abria S. Carlos e elle era certo na sua cadeira. E quantos mais que a morte nos levou! Quantas vezes deu S. Carlos a Gervasio Lobato assumpto para estas chronicas!

Antes, porém, da grande noite de abertura do theatro lyrico, uma outra tivemos de sensação, como hoje é de uso dizer-se, no theatro D. Amelia, com a primeira recita da nova peça de Lopes de Mendonça *Amor louco*... Exito enorme, como auctor e peça bem mereciam. Desempenho excellente. Scenario magnifico.

No theatro de D. Maria continua em scena o *Frei Luiz de Sousa*, a cujo desempenho toda a imprensa fez os maiores elogios.

O scenario de Manini continua causando admiração, e, effectivamente, salvo talvez algum pequeno anachronismo quasi insignificante, raras vezes teremos visto mais artistica inspiração, deveras portugueza. Bastaria citar-se aquella admiravel porta, que da sala do palacio de D. João de Portugal dá para a tribuna de S. Paulo, e cuja moldura, aliás muito simples, de azulejos é um verdadeiro primor.

E, porque o assumpto se impõe e d'outro artista deveras portuguez é obrigação falarmos, um bravo a Pereira Junior, cuja exposição de azulejos no palacio do Grandella na rua Nova da Palma devia ser visitada por quantos se interessam pela resurreição das nossas velhas e bellas coisas.

Já na velha egreja da Madre de Deus tiveramos occasião para tecer merecidissimos elogios ao auctor dos dois quadros que ao fundo da egreja copiam em artistica pintura sobre azulejos os famosos paineis gothicos que eram das maiores riquezas do antiquissimo templo.

Mais uma vez nos prova a sua aptidão no genero a que tem dedicado o melhor da sua boa vontade e comprovadissima intelligencia.

Mais um bravo ainda.

Que lindo não seria o Estoril e mais todas essas praias até Cascaes, se o nome barbaro de *chalet* não deslumbrasse ouvidos de *parvenus* (gallicismo com gallicismo se paga) e todos tivessem o bom gosto de imitar o livreiro Gomes e o capitalista Jorge O'Neill! Fizeram casas portuguezas, desenhou-as o Villaça, que é portuguez ás direitas.

Dizia um dia o Manini que, sem sahir d'um circulo com raio de duas leguas em volta de Lisboa, encontraria elementos para as mais bellas casas portuguezas.

Porque não tentam? Porque não hão de seguir tão bons exemplos? Porque hão de fazer á architectura o que já fizeram á lingua? Pois os senhores acham que o bundo é chic?... Valha-nos Deus!

João da Camara.

OS SECULOS DA REVOLUÇÃO

Nas antigas cartas communaes, chamavam-se burguezes os cidadãos de um concelho, que, pagando determinado imposto, tinham attribuições municipaes, certos direitos civis e occupações militares: entre nós constituiam a milicia *villã*.

Pela sua representação em côrtes geraes, onde significava o *braço do povo*, pelas suas empresas de commercio, pelos serviços militares prestados nas differentes guerras, e mais tarde pela illustração de seus filhos, educados nas escolas e universidades, esta classe em breve formou a parte da nação mais importante e digna de respeito; porque, ou nos seus commettimentos, ou nas revoluções que fomentou e dirigiu, sempre defendeu a causa popular, e sustentou os interesses verdadeiramente nacionaes.

Em tres epocas differentes foi principalmente notavel a lida incessante da burguezia. Os seculos XII, XVI e XVIII são paginas brilhantes, onde escreve os feitos de seus heroes, e onde lega aos filhos a sua arvore de geração.

No seculo XII apparece pela primeira vez na historia; e, no meio dos grandes acontecimentos do tempo, agora vencida, logo vencedora, sempre infatigavel, trabalha, combate e soffre pela causa dos direitos humanos; e impulsa e apressa a lenta evolução das sociedades.

Constituiu então associações armadas em resistencia ao feudalismo; lançou os fundamentos do moderno direito publico, conquistando as suas cartas communaes; e, quer nas sciencias, nas artes ou nas industrias, formou a grande communa intellectual, que representa a primeira *renascença*.

Nenhuma outra epoca foi mais trabalhada do que este seculo XII; nenhuma outra mais notavel pelas suas crenças; nenhum outro mais cheio de vida; em que desabrocham todas as aspirações do espirito humano! A revolução communal protrae-se aos dominios do pensamento, combate a auctoridade antiga e respeitada, robustece o livre exame, funda novas heresias. Cidades em peso, quasi republicas, abraçam as ideias novas; as escolas abrem-se nos mosteiros, nas clareiras dos bosques, nas cidades populosas. Sempre cheias de escolares, sempre cheias de movimento e bruido, assistem ás grandes luctas da escholastica, e d'ellas saem os *cavalleiros errantes da dialectica!* A egreja, aggredida, reforma a velha disciplina. Novas communas monasticas se fundam e vão emprehendendo desbravar a selva espessa dos espiritos. O mundo novo, que se ergue robustecido pelas revoluções communaes, cria uma arte propria; e as egrejas de architectura romano-byzantina, poderosa creação do seu genio, são o *forum* das deliberações dos novos centros politicos. Ao lado das communidades religiosas que se chamam conventos, fundam-se associações industriaes denominadas — *mestrias* e *jurandas*; e, para guardar as conquistas do seculo das contingencias e vae-vens do mundo, apparecem os *studium generale*,—as communas intellectuaes, a que em pouco se deu o nome de *universidades*.

Fundados estes centros scientificos, a burguezia tinha consumado a primeira phase da sua revolução politica. Podiam agora acabar as communas, podia morrer afogado em sangue o livre exame, como aconteceu na cruzada contra os Albigenses, podia uma ou outra vez a massa cerrada dos cavalleiros esmagar os villões do municipio e avexá-los com impostos novos; é certo, porém, que nas principaes cidades d'Allemanha, da França, da Italia, da Hespanha, e de Portugal os filhos da classe media, sentados nos bancos das escolas, procuravam, com firme vontade nas leis antigas, o meio de remir as sociedades novas. O direito romano fôra encontrado, e logo começou o grande trabalho politico da burguezia.

O seu primeiro cuidado foi tornar o poder civil independente do poder ecclesiastico. D'este modo crearam os legistas a grande communa das cidades, que se chama nação, fundaram as nacionalidades. Segundo elles, o poder politico não dependia da tiara de S. Pedro, e ao pontifice romano não assistia o direito de retalhar, dar ou tirar o governo temporal das nações. O poder não vinha de Deus. D'ahi á soberania do povo distava um passo. Conforme ao direito canonico, o poder vem de Deus—*omnis potestas a Deo;* e este principio depois de Constantino fizera prevalecer a herança nas successões imperiaes. Pelo direito romano, porém, a soberania dos imperadores deriva do povo por delegação perpetua. O predominio do direito romano sobre o direito canonico devia em politica favorecer e preparar a theoria do suffragio universal. Comprehende-se agora como as universidades, estudando e ensinando o direito romano, continuavam a revolução da edade media, preparando a grande revolução do seculo XVIII. A burguezia, desprendendo gradualmente o governo das sociedades da tutela da egreja, creou a sociedade civil. Era este o primeiro passo a dar. Revolução immensa e até hoje mal avaliada. Além do que, emancipada a sociedade civil da theocracia, o espirito humano naturalmente tentou emancipar-se da tutela religiosa, e nasceu — *a reforma.*

Ora, a reforma, pelo livre exame, preparou o moderno direito publico.

Não basta, porém, affirmar uma nação para que ella exista, é preciso creal-a nos dominios da realidade, e para isso é necessario prender os homens á terra, o que só se consegue pela propriedade. A plebe romana, diz Littré, decaíu rapidamente, porque a propriedade lhe faltou. É este o motivo, por que pedia incessantemente a partilha das terras conquistadas. E, como jámais a pôde conseguir, deixou morrer o mundo romano ás mãos dos barbaros. Nada havia que a prendesse, e fizesse amar uma terra extranha.

Neste ponto o direito civil romano era altamente revolucionario. A sociedade feudal estribava-se nos morgados, permittia a instituição de capellas ou a alma por herdeira, estabelecia fideicommissos além do terceiro grau, etc.; o direito romano, pelo contrario, legislava a partilha forçada dos bens, o systema das legitimas, não consentindo morgados, e sómente fidei-commissos, e esses restrictos. Os jurisconsultos filhos da burguezia introduziram a partilha forçada na legislação dos povos, nas leis geraes, e, dando assim elementos de trabalho á classe popular, prenderam o homem á terra e crearam o amor da patria.

Não era, porém, bastante. Aquelle grande principio legal podia ser annullado pela rudeza e fé viva de tempos, em que se julgava remir peccados, fazendo deixas e doações ás egrejas e communidades. Os jurisconsultos adoptaram das leis romanas a desamortisação dos bens ecclesiasticos; e logo lançaram na circulação um enorme capital. Vendido, a mór parte das vezes aforado, foi grande elemento de vida para a classe media. Sem duvida a emphyteuse romana veiu casar-se com os emprasamentos do direito feudal, e assim formar um todo monstruoso, com que mal podia o homem de trabalho. Mas a revogação das doações regias, a sua reversão á corôa, as inquirições e confirmações geraes, sempre aconselhadas e defendidas pelos romanistas, esteios da realeza, não poucas vezes quebrou nas mãos dos poderosos a arma, com que opprimiam os fracos. Além do que, a *equidade bartholina*, apoiada pelos jurisconsultos, lá appareceu no foro para attenuar, o mais que podia ser numa sociedade imperfeita, os soffrimentos populares. Assim, os filhos da burguezia, esses jurisconsultos, nobreza da toga, a contar do seculo XII, tomam o passo á nobreza da espada. Baseando o seu engrandecimento em melhoramentos legislativos de interesse publico, teem pelo seu lado a parte trabalhadora das nações, que preferem a lei geral, que é egual para todos, aos privilegios e isempções, que variam conforme as terras, o poder ou a vontade dos donatarios.

Taes foram, a contar do seculo XII, os serviços importantes da burguezia; grandes, sem duvida, porque a propriedade arrasta comsigo todos os direitos. Foi este o motivo por que logo se viu apparecer em todos os campos de batalha as massas compactas da infanteria, ante a qual vieram quebrar-se os feitos brilhantes dos cavalleiros feudaes. É que as tropas burguezas dos concelhos, guiadas ao combate pela flamula do rei, defendiam agora a terra, que os vira nascer, e que pretendiam deixar aos filhos.

Assim se vae desmoronando a edade media. Desde o seculo XIV é visivel o progresso das sociedades; tudo se secularisa e emancipa. A tiára renuncia ao imperio do mundo; o feudalismo decae; o povo apparece nas côrtes geraes e fórma o terceiro estado; robustece-se a realeza; e a lei, tentando abranger a todos, faz reinar a egualdade. O espirito humano preadivinha o advento do seculo XV, isto é, uma enorme revolução.

A classe media sobreexcede ás restantes em grande vantagem, origem da propria força e progresso: é que se renova sem cessar. Filha das suas obras, do trabalho, recruta-se no povo e de modo, que, á semelhança das grandes vegetações, absorve continuamente nova seiva do solo, onde tem as raizes, e para onde vê abaterem-se as folhas.

No seculo XVI, emquanto os cavalleiros da toga ao lado da realeza vão robustecendo a, pugnando pelos direitos reaes e pelas doutrinas do imperio, que robustecem o poder absoluto, outros, mais chegados ao povo, combatem, ora com o livro, ora com a espada, na França, na Allemanha e na Inglaterra em prol do principal dos direitos do homem — *a liberdade de consciencia.*

Com as communas e pelo direito romano ti-

nham os povos conquistado a liberdade civil; ao findar, porem, do seculo XV e no começo do seculo XVI acontecimentos notaveis, filhos da evolução medieval, tinham-na preparado e robustecido para a *segunda renascença*. Em 1492 ousado aventureiro descobrira a America; cinco annos mais tarde um portuguez illustre passa o Cabo das Tormentas e chega á India. Então começou uma grande revolução no commercio. Na primeira decada do seculo XVI (1508) Raphael e Miguel Angelo pintam em Roma as salas do Vaticano e a capella sixtina, e iniciam uma grande revolução na arte. Por este tempo medita Copernico um novo systema do mundo, e presente-se uma grande revolução nas sciencias. A conquista de Constantinopla impellira para o occidente os sabios conservadores das lettras gregas e romanas, e a imprensa, já então descoberta, vulgarisando-as, apaixona as novas sociedades pelo que havia de grande no mundo antigo. Então começa a revolução litteraria. O espirito humano, profundamente abalado, procura resolver os grandes problemas da sociedade civil e os da alma humana; começa a reforma religiosa, e em breve a revolução politica. Vê-se apparecer depois, ou nos altos cargos da justiça, ou no seio da revolta armada dos povos, homens energicos, a quem nada intimida: defendem a liberdade religiosa, quer no parlamento da França, quer nos Paizes-Baixos contra as hostes do duque de Alba; e, ou empunhando a espada do soldado, ou a penna do legislador, conservam-se firmes e inabalaveis em frente das perseguições, da fogueira e do patibulo. Nada lhes quebranta o animo aos filhos da burguezia. Desde o seculo XIII iniciados pelas embaixadas na politica enredada das côrtes, parece que a experiencia os endureceu para a lucta, e o confronto das differentes civilisações lhes elucidára o espirito, rasgando-lhes maiores e mais largos horisontes a seus emprehendimentos.

Os que não floreavam a penna, nem combatiam em campo descoberto, iam nas profissões liberaes cuja esphera se alargava com o progresso commercial do seculo XVI, affirmar sua individualidade nos varios mesteres de cambistas, ourives, mercieiros, mercadores de pannos, tecelões, e outros inferiores, mas não menos lucrativos.

Assim, pelos fins do seculo XVI. tinha-se engrandecido muito a classe media. Pelo exercicio dos empregos publicos, e maxime pelas funcções judiciarias, havia-se approximado da nobreza. Pela fundação das grandes manufacturas e emprezas de commercio adquirira immensos cabedaes.

Pelas artes e lettras tinha dado á sua posição social, que a riqueza sobredourava, o prestigio que o pensamento humano, revestindo uma forma brilhante, imprime ás suas creações. Tinha por isso adquirido o poder e a consideração, que, filhos do proprio merito, lhes deu a dignidade pessoal.

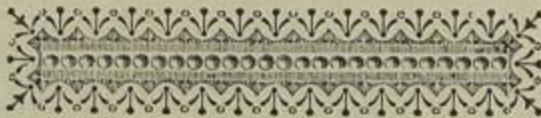
Ao passo que esta classe ascendia aos logares da magistratura e abria novos caminhos ao commercio e á industria, e se revelava nas lettras, nas bellas artes e nas profissões liberaes, parecia declinar politicamente e que deixava perecer as liberdades do municipio. Este facto, porem, para os que se não ligam á lettra mas ao espirito ou pensamento das coisas, tem uma explicação. O povo, ou antes a burguezia, uniu-se á realeza na edade media, porque nesta epoca de formação, em que luctam todos os elementos sociaes, em que ha guerras de municipios, guerras de religião, guerras feudaes e guerras dos nobres contra o povo, este tem necessidade da ordem, que é a vida do trabalho em suas differentes manifestações. Não tendo força nem meios para crear uma vontade commum ou nacional, lançou-se nos braços do mais potente senhor do feudalismo — o rei; que, auxiliado por elle, podia crear a legalidade necessaria á vida trabalhadora da burguezia. Além do que, essa instituição era a que melhor correspondia ás tradições religiosas e politicas da edade media, que da unidade de Deos apregoada pelo antigo e novo Testamento se ia elevando á unidade do governo apregoada pelos romanistas.

Apenas estes descobriram os *direitos reaes*, e tanto que as sociedades novas encontraram a legislação completa e perfeita do mundo romano, os privilegios, as isempções, os codices locaes..., tudo isto devia morrer em face da lei geral. A burguezia apoiou esta completa transformação, visto que a lei, que preparava a egualdade civil, a unidade judicial, a unidade administrativa, preparava lhe egualmente o caminho para o seu engrandecimento e prosperidade.

E com effeito todas aquellas conquistas e manifestações da burguezia constituiram na Europa uma opinião publica bastante pronunciada. A realeza empenhou continuos esforços para lhe corresponder, e, se nem sempre foram proveitosos, pois que eram medidas do poder absoluto, foram ao menos constantes, e tinham por fim attender ás necessidades dos povos. O imperante declara sempre no preambulo das leis, que ouvira os homens de prudencia e bom juizo, affirmando que a justiça e interesses dos vassallos foram o alvo constante de seus cuidados.

As sociedades, impellidas pelo energico impulso da burguezia, se mais cedo não chegaram ao atrio da civilisação, motivo lhes foi que a fortuna social d'esta classe trouxe comsigo a fortuna da realeza. Esta, fazendo suas todas as conquistas do trabalho e do genio, cresceu adorada e respeitada sobre o animo dos povos. Chegada ao apogeo de sua gloria, o que pode marcar-se no seculo XVII, viu-se então que, á semelhança de Alberto Magnus, a classe media creára um monstro, que pretendia matal-a. As summidades attraem os raios: a grandeza com seus esplendores deslumbra, corrompe a intelligencia e desvaira a razão. Emquanto foi preciso organisar as communas, combater o feudalismo, formar a unidade nacional e crear um povo, o vulto da realeza eleva-se ao lado da burguezia e na mais completa união e accordo. Consolidado o poder absoluto, a realeza dispensa os serviços de seu auxiliar e pretende oppor á nação a sua unica vontade. Em desharmonia com os interesses nacionaes, começam então os erros fundos, as loucuras brilhantes, as aventuras e empresas arriscadas, e até os actos de funebre reacção, ora allumiados pelo clarão das fogueiras, ora entenebrecidos pelo aspecto singular e triste do patibulo. Luiz XIV, revogando o edicto de Nantes, e expulsando dos lares francezes a parte mais intelligente e industrial de seu povo, é um exemplo. Um outro poderiamos ir buscal-o á nossa historia: — é D. Manuel queimando, perseguindo e expulsando os judeus.

Uma coisa, porem, deve consolar-nos: — é que os povos não morrem. Se as victorias parciaes pertencem aos interesses, as decisivas pertencem ao direito.

Conde de Valenças.

AS NOSSAS GRAVURAS

O PROFESSOR FERREIRA DA SILVA

O sabio lente da Academia Polytechnica do Porto e incançavel director do laboratorio chimico da mesma cidade nasceu em Cucujães, concelho de Oliveira de Azemeis, em 28 de julho de 1853.

Datam de ha muito suas primeiras publicações. Mas quem havia de prever que o estudantinho de theologia que, no Seminario Episcopal do Porto, de 1872 a 1874, escrevia para o *Ramalhete do Christão* artiguinhos religiosos e moraes, havia de ser, mais tarde, um dos mais fecundos homens de sciencia em Portugal, um chimico notabilissimo, escriptor d'alta competencia em variadissimos assumptos, o polemista de pulso que todos com profunda estima admiramos?

Durante o curso universitario, completado com as maiores distincções, publicou alguns resumos de physica e botanica, que, accrescendo-lhe a competencia eloquentemente demonstrada no tempo que levou a formar-se em philosophia natural, lhe valeram um honroso convite officioso para um logar de lente na faculdade. Não quiz acceital-o; mas, passado pouco tempo, concorria ao logar vago d'uma cadeira na Academia Polytechnica do Porto. Foi nomeado lente substituto em 24 de maio de 1877.

Brilhantissima carreira tem desde então seguido. O nome de Antonio Joaquim Ferreira da Silva é hoje tão conhecido quanto estimado, não sómente em Portugal, que o tem na conta d'uma de suas glorias mais estremes, mas no estrangeiro, como é prova sua nomeação para membro da Sociedade Chimica de Paris, por honrosissima proposta de Wurtz e de Friedel em 1884, a que muitas mais se seguiram de egual ou superior estima e muita consideração.

Referimo-nos tão sómente á primeira em data, pois não cabe nos limites d'este modesto preito de homenagem a um grande homem especialisar todos os titulos e diplomas, com que tão justamente tem sido honrado.

Escriptor de subidissimo merito, é grande o numero de suas obras de alto valor scientifico, publicadas sobre variados assumptos, muitos dos quaes se prendem com questões que na imprensa foram calorosamente debatidas, sahindo de todas as discussões triumphante a competencia do illustre mestre.

Director do Laboratorio Chimico, grandes serviços tem prestado á cidade do Porto e especialmente á sua hygiene.

São importantissimos seus trabalhos sobre hydrologia e œnologia e por si seriam bastantes para honrar o nome de Ferreira da Silva e merecer-lhe a nomeação de membro da Sociedade de medicina e cirurgia, se outros trabalhos, ainda de mais alto valor em chimica legal e toxicologica, o não houvessem tornado primeiro entre primeiros.

Citaremos apenas os seus trabalhos de analyse toxicologica, quando do famoso processo em que foi finalmente condemnado o dr. Urbino de Freitas.

Ha tempos as *Novidades Medico-Pharmaceuticas* publicaram como homenagem ao professor Ferreira da Silva um bello artigo do lente da Escola Medico-Cirurgica do Porto, sr. Alberto d'Aguiar.

São d'essas notas biographicas os seguintes periodos:

«Profundamente sincero e crente, dotado d'uma actividade tão fóra do vulgar que se tornou lendaria, orientado por um pensar recto e meticulosamente instruido, tem sabido imprimir a todos os seus trabalhos um vigor e um rigor que explicam a justa e elevada consideração de que gosa. Esses dotes dão-lhe fundamentada margem a affrontar brilhantemente fortes campanhas e accusações que contra elle se tem levantado e a transformar a sua tão fogosa como sympathica defeza em triumphos gloriosos não só para a sua probidade e consciencia scientificas, mas para a sua lealdade e honradez de cidadão.»

O retrato que hoje o OCCIDENTE publica é dos mais honrosos para a nossa galeria dos grandes portuguezes.

A PRIMEIRA MISSA NO BRAZIL

Illustrando o capitulo IV do *Descobrimento do Brazil — narrativa de um marinheiro*, que vimos publicando, inserimos hoje a reproducção do desenho de Condeixa *A primeira missa no Brazil*.

Pelo texto de Vaz Caminha podem os leitores ajuizar do valor da composição e da justiça do apreço que mereceu tão formoso quadro, quando reproduzido em grande estampa colorida, brinde do nosso presado collega *Mala da Europa*, aos seus assignantes.

TUMULO DE S. FRANCISCO XAVIER

Acompanhando ainda o artigo *O apostolo das Indias*, estampamos hoje o tumulo de S. Francisco Xavier, obra admiravel que na, já referida egreja do Bom Jesus, de Gôa, se encontra, e que n'ella attrae subidamente a attenção dos visitantes.

Este esplendido mausoléo de finissimos marmores coloridos de Italia e prata é visitado por todos os povos da India com a mais acrisolada devoção. Segundo refere o padre Francisco de Souza no seu *Oriente conquistado*, foi esse primoroso trabalho offerecido por um grão-duque da Toscana. Como se vê da estampa o bello moimento compõe-se de tres partes distinctas, além caixão de prata que encerra o corpo mumificado do glorioso evangelisador. Tem approximadamente 6 metros de altura desde a base até á parte superior da cruz que remata o caixão, 3 metros de comprimento, e 2,5 de largura.

A primeira parte representa os quatros altares em forma de urna, em cada face do tumulo. Esta parte, que, actualmente, constitue a base do sarcophago, é de bellissimo marmore vermelho raiado de branco, com os resaltos de marmore branco e raiados de côr de laranja.

Os ornatos em alto-relevo, bem como os cherubins dos angulos são de purissimo jaspe e alabastro. No centro do pontal de cada um dos altares tem differentes emblemas em alto-relevo, representando no altar da face norte do sarcophago, que é a apresentada pela nossa gravura, o sol com dois circulos concentricos radiosos; no altar que olha para o occidente mostra um livro e differentes cruzes descendo sobre elle; no do sul um coração exhalando chammas entre dois circulos radiosos; e finalmente no da cabeceira, representa o céo nebuloso, despedindo raios que derribam uma mesquita coroada de meia lua.

A segunda parte é um parallepipedo de magnifico marmore verde salpicado de pontinhos brancos, pretos e cinzentos, com resaltos e frisos de marmore amarellado com veios brancos e côr de se-

pia. No centro de cada uma das quatro faces está uma grande lamina de bronze escuro de elevado merito artistico representando em alto relevo, e em figuras quasi destacadas do fundo, os mais notaveis passos da vida do Santo. Na lamina da face do tumulo, que é a que se vê na nossa estampa, está representado o glorioso apostolo doutrinando aos povos da India.

Superior a este quadro existe um medalhão de bronze sustentado por dois anjos de grandes dimensões, de alabastro purissimo, e no qual se vê o sol nascente, sendo rematado por uma fita tambem de bronze, onde está escripto: *Nox inimica fugat.*

A lamina da parte occidental representa S. Francisco Xavier baptisando. O Santo está descalço, com roupeta, sobrepeliz e estola, tendo na mão esquerda a imagem do Crucificado, e baptisando com a direita uma multidão de indigenas nas Molucas. A' esquerda do apostolo, vê-se um padre entre a multidão, que a catechisa. Por cima d'este quadro ha um medalhão de bronze, representando o sol no zenith e na facha sustentada pelos anjos lê-se: *Ut vitam habeat.*

Na lamina da face sul, vê-se o Santo procurando atravessar um rio sobre um madeiro para fugir á perseguição dos javaros da ilha de Móro. No medalhão superior a este quadro ha um leão no meio de uma medonha tempestade, e lê-se a seguinte inscripção: *Nihil horum vereor.*

Por ultimo, o quadro do lado do nascente ou da cabeceira apresenta o Santo na hora do seu passamento, abraçado ferverosamente a um Crucifixo, na praia de Sanchoão. Está recostado sobre uma esteira na choupana do portuguez Jorge Alvares, entre os seus discipulos Antonio e Christovam, e assistido de anjos. Alli morre, exclamando: — *In te Domine speravi.*

No medalhão superior respectivo teem a seguinte legenda: *Maior in occasu.*

Atraz dos medalhões está a balaustrada que forma a terceira parte do tumulo. É de marmore roxo salpicado de branco. Os frisos e resaltos das quatro columnas dos angulos são de marmore escuro raiado de branco, e de marmore amarello os plinthos superiores e inferiores. Sobre esta balaustrada assenta o caixão, guarnecido exteriormente de prata rendilhada sobre velludo carmezim e cravejado de differentes pedras preciosas.

É este caixão que conserva o precioso deposito do corpo de S. Francisco Xavier.

Nas quatro faces do caixão existem 32 quadros ou laminas de prata, que illustram a vida e representam em relevo os passos e milagres do grande apostolo. Na parte superior do caixão ha dezeseis anjos de prata e n'outras posições seis pinhas grandes e outras pequenas, tambem de prata brincada e com flôres douradas guarnecidas de pedras preciosas.

A peanha da Cruz que remata o caixão representa nos lados oriental e occidental, dois anjos com emblemas. O do lado oriental segura um coração enflammado, e o do lado occidental, respectivamente aos pés do corpo do Santo, este distico: *Satis est Domine, satis est*, palavras que S Francisco Xavier costumava repetir, quando sentia aquelles extasis de amor divino, que o tornavam um verdadeiro inspirado e um verdadeiro Santo.

Tal é, em breves linhas, a descripção d'esse monumento tão precioso pela forma e pelo contheudo e que a nossa estampa representa.

A PRIMEIRA MISSA NO BRASIL — *Desenho de Condeixa*

S. FRANCISCO XAVIER

NO ESTADO EM QUE FOI ENCONTRADO

EM *12* DE OUTUBRO DE 1859

Na sua interessantissima obra *A India Portugueza* publicou o devotado viajante e nosso amigo A. Lopes Mendes a estampa que reproduzimos do estado em que se encontrou o corpo de S. Francisco Xavier no dia 12 de 1859.

É porventura n'esse importante trabalho que se accumulam os melhores subsidios para tudo quanto se precise saber ácerca dos monumentos respectivos á memoria do grande apostolo das Indias, que o auctor copiou e descreveu carinhosamente.

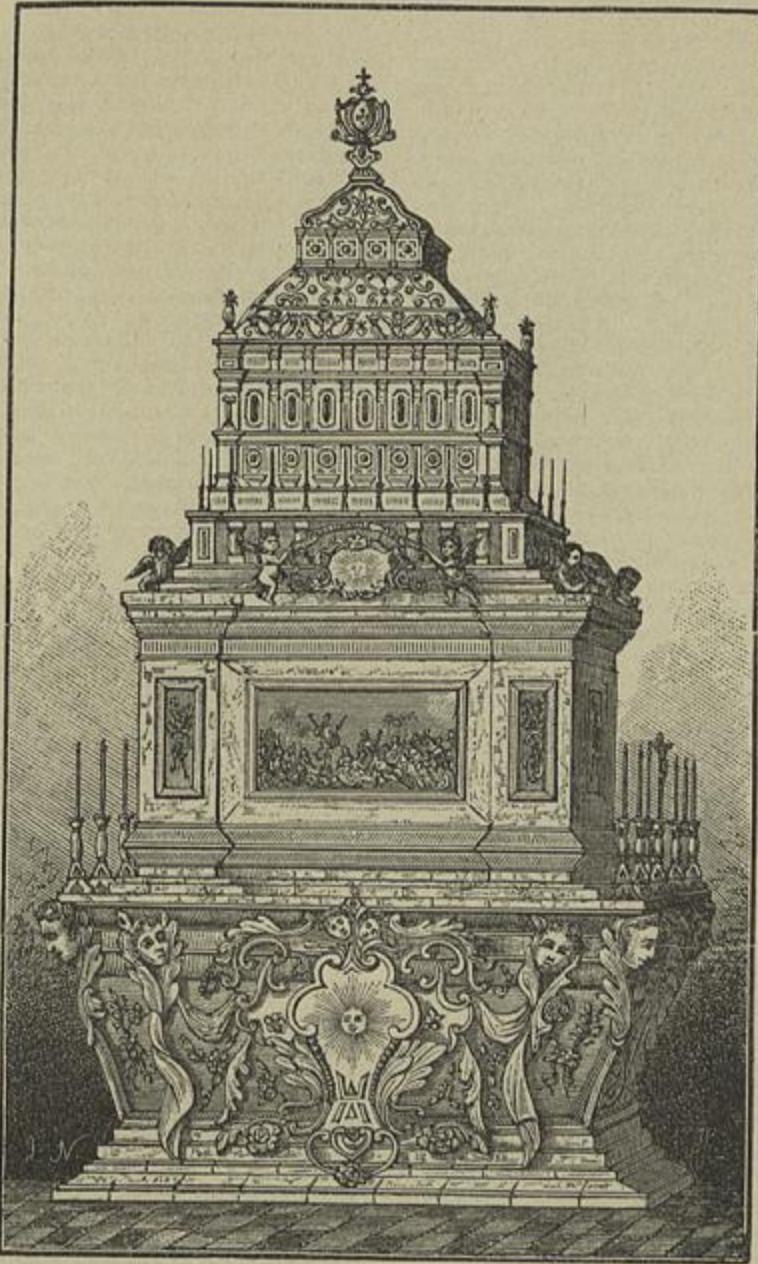
O APOSTOLO DAS INDIAS

(Fallecido em 2 de dezembro de 1552)

(Concluido do n.º antecedente)

Logo á sahida do porto a nau capitanea soffre um rombo e a flotilha entra a barra, como um bando de aves feridas. A superstição popular viu no accidente o dedo de Deus. Á porta do palacio varios grupos commentam, censurando a imprudencia de Simão de Mello. Xavier mal podia atravessar as ruas, cercado de mulheres e creanças que lacrimosas insistiam com elle para que desistisse dos seus intentos. Esperae — diz-lhes Xavier — esta noite teremos o soccorro de dois navios. A população toda correu á praia. Nada. Faz-se tarde: o sol ia descendo. Da praia correm aos altos da cidade; sobem mastros, tectos, com os olhos anciosos no alto mar. A noite ia cahindo, accendem-se archotes. De repente ouve-se um grito. uma véla! Uma salva de palmas recebe Xavier, que n'esse momento corria á praia para verificar a boa nova. Os navios de Diogo Soares de Mello e os que estavam em Malaca sob o commando de D. Francisco de Eça iriam galhardamente affrontar o poderoso inimigo. Quem duvida da victoria? É o *padre santo* que manda, é elle o chefe do *Armamento de Jesus.* Voltarão victoriosos!

Passam, porém, semanas, e ninguem sabe o que fôra feito da expedição. Tinham talvez sido postos a ferro e fogo os portuguezes, espedaçados os seus navios por entre os cachopos de Pulo Penang. Xavier era apontado como o causador de todas estas desgraças; perseguiam-no quasi quando elle triste e pensativo passava pela multidão murmurante e lacrimosa. Em Malaca todos estavam certos da derrota. Chega a final um domingo (4 de dezembro) em que todos assistiam á predica do padre Francisco na egreja da Senhora do Monte. O prégador chegára ao ponto em que descrevia a anciedade do mundo pagão pelo Messias. Jesus era a esperança do mundo — continuava o orador em raptos de enthusiasmo descrevendo a vida do suspirado Deus-Homem. De subito pára, mergulha um olhar ancioso na multidão, que o escuta triste e cabisbaixa, e, erguendo a voz, com os braços estendidos para o altar, exclama: O Jesus! Deus do meu coração! salvae os vossos filhos, eu vos imploro!

N'este momento todos se viraram para o prégador, estupefactos, como que acompanhando o lancinante grito. Xavier, dobrado sobre o pulpito, estendendo os braços como para abraçar aquelles infelizes, diz-lhes entre prantos, radiante de jubilo: Alegrae-vos, ó Malaquenses, triumphamos! Os vossos esposos e filhos voltam victoriosos! Demos graças a Deus! E cahiu de joelhos, abra-

TUMULO DE S. FRANCISCO XAVIER

çado ao seu grande crucifixo, emquanto o povo o cercava, osculando-lhe as vestes. Os portuguezes não tinham sido vencidos, voltavam poucos dias depois com 25 navios aprisionados. Desembarcaram, e a multidão levou n'uma onda de jubilo, da praia ao templo, quasi a braços, o seu querido padre Francisco. Ahi, emquanto as mães, as esposas e os filhos beijavam os victorioros, chorando de alegria, os nossos marinheiros cantavam o *Te-Deum*, cobrindo Xavier com as bandeiras desfraldadas».

Contentamentos inexprimiveis na lingua humana e só sentidos por creaturas excepcionaes, deviam ter certamente premiado no mysterioso da sua consciencia a alma candida e a dedicação incondicional do ente justo que ia espalhando assim pela terra fructos e perfumes de virtude legitima.

Mas não era bastante; emquanto lhe restasse um folego de vida não cessaria de annunciar a verdade aos povos nem consentiria repouso ao seu corpo enfraquecido.

Ao cuidar na sua viagem ao Japão escreveu algumas cartas em que ha trêchos d'este quilate: «Não vos poderei explicar com que jubilo emprehendo esta viagem. Ella é tão perigosa, que se considera como feliz a frota que, de quatro navios, salva um. No emtanto não evitarei este perigo, um dos maiores que hei affrontado: Nosso Senhor revelou-me que rica seara dará este paiz á sombra da cruz que lá vamos plantar.» — «Pareceme por lo que voy sentiendo dentro en mi anima que yo o alguno de la Compañia antes de dos años iremos a Japon, aunque seya viage de muchos peligros asi de tormentas grandes como de ladrones chinos que andan por aquel mar a hurtar adonde se pierden muchos navios. Portanto rogad a nro sñor charissimos padres y hermanos por los que alla fueren porque es vna navegacion donde muchos navegantes se pierden.»

Em dois annos e meio de permanencia entre os povos japonezes, Xavier viu que não fôra illusão ficticia o motivo que o encaminhou para semelhantes paragens e poude abençoar a hora em que resolveu procurar uns logares onde á sua despedida deixou reverenciado o madeiro do Redemptor.

«Sahimos de Cerphos, lê-se nos escriptos de Xavier, mais consolados do que eu posso exprimir — vol-o, cheios de bençãos do povo, e agradecendo mil vezes a Deus, ter-nos inspirado o designio de o virmos procurar entre os seus penhascos.»

Abrazado sempre em amor divino, ainda afagava a idéa de semear na China tambem as verdades do Evangelho, e foi a caminho do celeste imperio que a morte veiu salteal-o na ilha de Sancião ou San-cham, aos 2 de dezembro de 1552.

Dorme no tumulo nosso inclito padroeiro no Oriente phantastico! ao passo que o teu nome terreno continua a brilhar n'uma aureola de esplendor immarcescivel, a tua alma immortal gravita nas espheras empyreas embebecida aos acórdes angelicos que resoam á volta do throno da Divindade!

A tua phrase derradeira: «Senhor, foi em vóz que eu puz a minha confiança, não serei confundido!» não carecia para ser perpetuada na memoria dos homens, da canonização que a Egreja te concedeu na pessoa do seu pontifice Gregorio XV; partia de mais fundo, tinha base inabalavel: vinha da fé, que nos salva, da fé, que é divina!

Tal foi S. Francisco Xavier, tal deslisou uma existencia de 46 annos, animada apenas pela crença e de que Portugal se orgulha justamente.

Se não é licito a nenhum filho d'este paiz ignorar quem foi Albuquerque e quem escreveu os *Lusiadas*, dever imperioso é prestar culto egualmente no fôro intimo a quem só com a cruz ganhou milhões de subditos á bandeira das quinas.

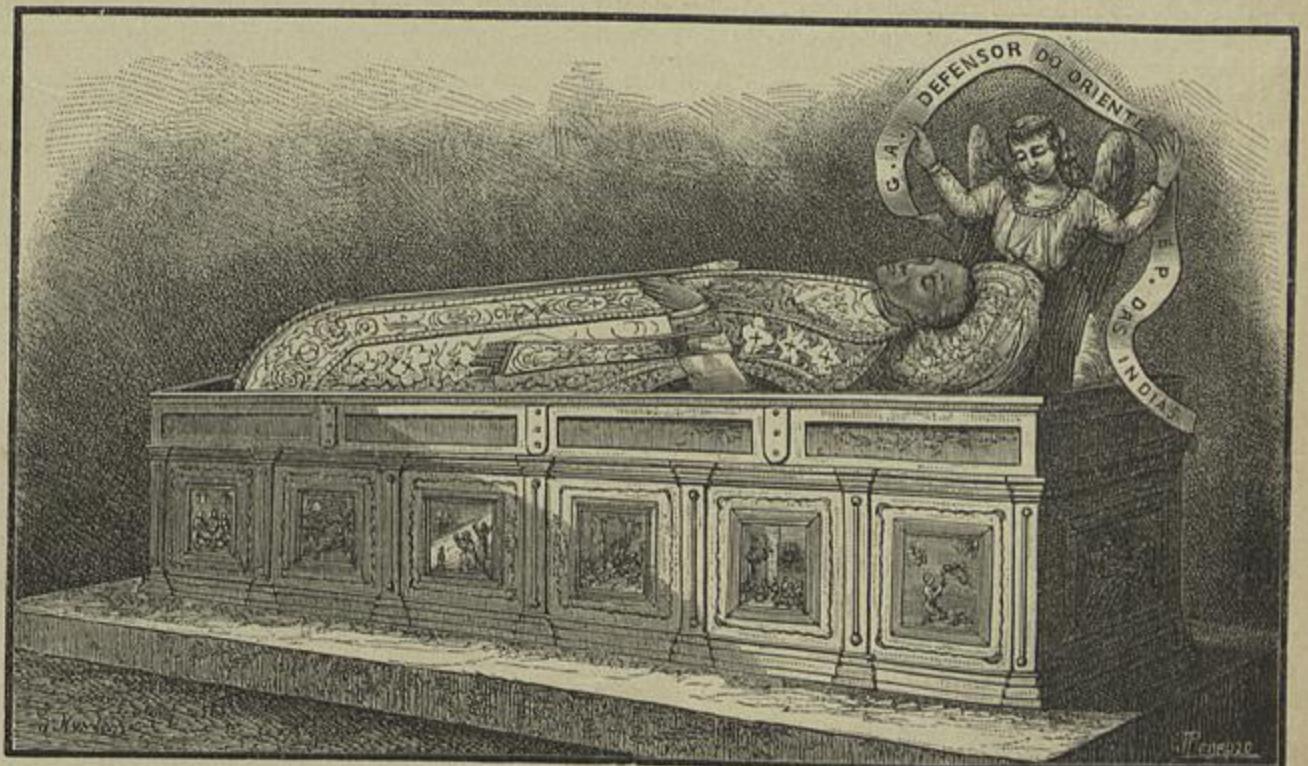
A sua figura levanta-se intemerata, colossal, ao lado do conquistador genial e do cantor sublime que os seculos admiram e as gerações acclamam.

D. Francisco de Noronha.

O tambor-mór «Ponte-do-Sul»

POR A. ASSOLANT

(Concluido do n.º antecedente)

O paiz estava pelado que nem a pinha d'um caréca. Os raios dos inglezes tinham alimpado tudo Aquillo a que não tinham deitado o gatásio, bo.

S. FRANCISCO XAVIER NO ESTADO EM QUE FOI ENCONTRADO EM 12 DE OUTUBRO DE 1859

taram-lhe fogo. Que eu, ainda assim, o que me valia era a pesca. Uns camarões d'alli, uns mexilhões d'acolá, seu cachuchosito, de tempos a tempos, e ahi têm vocês a minha ucharia. De dia para dia ia apertando mais um furo ao cinturão. A gente resmungava. — Não, que em chegando a larica, até os santos resmungam. — Queriamos abalar. Os nossos commandantes andavam á unhada uns aos outros, com os cavallos manhósos na estrebaria. «Quem tem a culpa de tudo é o Massena» dizia o marechal Ney — Está velho, «diziam os outros, o que elle devia éra pedir a reforma. A respeito de fogo, já não o quer ver senão na cosinha.

— Ah! elle é isso? cantava o Massena — os inglezes escondem-se, pois eu darei com elles, deixem estar. Eblé, vê tu se tratas mas é de me armar uma ponte. Passamos o Tejo e atacamol-os pela rectaguarda. E, palavra de Massena — quero que me enforquem se eu os não fizer em estilhas. — Mas que é da madeira? disse o Eblé — O outro por acênos respondeu-lhe que era coisa que não avezáva.

— Vocês não conhecêram o Eblé — pois não? é péna. — Era um velho, com o cabello todo branco, que não engraçava lá muito com o Imperador, segundo se rosnava no exercito, e com quem o Imperador imbirrava a valer. — Porque? Isso é que eu lhes não sei dizer. Ouvi contar que era republicano e que tinha servido no exercito do Rhêno. La d'isso não sei, o que é certo é que, sempre que apparecia alguma impreitada má de roer, e que os outros todos lhe torciam o nariz, mandava-se lógo chamar o Eblé, por saberem que estava sempre prompto, e até se dizia, que dormia em pé e com um olho aberto e que, para não perder tempo, ia lendo os seus relatorios com o outro olho. Seria verdade? — Seria chalaça? — Vocês o dirão.

O Eblé, era uma boa cabêça, mas já se deixa ver que não podia fazer estácas e pranchas sem ter com quê. — Mandou arrazar uns casébres vélhos, deshabitados, mandou arrancar traves, barrótes e prégos e pr'alli se poz a forjar, a serrar, a pregar com tal gana, que d'alli a um mez tinhamos uma barcáça, que podia ir em carros. E assim, já se deixa ver que ficava muito mais geitosa — podia a gente leval-a comsigo.

Por consequencia — quizeram fazer experiencias com a ponte. No meio do Tejo havia uma ilha; parece até que inda a estou a ver. — Deitaram-se uns homens a nado. — Pregáram o primeiro lanço da ponte e nós apresentamos logo comnosco na ilha. — E vae ao depois, como o Tejo, segundo ouvi dizer, corria do nascente onde se erguem as galinhas, pr'o poente que é onde ellas se deitam, o braço do Tejo que passava por entre a ilha e a margem direita ficava ao norte, e o outro braço, que separava a ilha da margem esquerda, ficava pr' ó sul. Foi d'ahi que veio chamarem ao primeiro lanço «ponte do Norte» e «ponte do Sul» ao segundo. Attenção, rapazes — e lembrem-se bem d'isto que lhes vou contar.

Entrementes o Eblê estava, vira que vira, a labutar na dita ponte, os inglêzes, que são mais curiosos que uma vélha, vinham n'o ver trabalhar — de longe, já se intende — por causa das duvidas — que nos cá, era outro cantar — não tinhamos almoçado e como não traziamos o bandulho cheio de rosbife e de pudim, quando se tratava de marchar ou de entrar em fôgo, estavamos sempre promptos, e se alguns por lá ficáram pelas custas, podem crer que não houve um só que morresse d'indigestão.

Mas, *não óstante* — voltando á vacca fria, assim que apanháram promptinhas e assentes no seu lugar as duas pontes (a do Norte, e a do Sul) o que nós todos queriamos éra avançar. Recebemos ordem, tanto eu como a minha divisão, de sermos os primeiros a atravessar pr'á banda d'alem; e pr'á divisão éra até uma pexincha — ora oiçam lá, e verão.

Vae ao depois — havia de andar pelas onze da noite — e todos nós começávamos a olhar pr'a dentro, mas a valêr é como quem tinha apanhado um dia de faina, e á espera de entrar em fôgo no outro dia. — Eu tinha encostado a cabeça á mochila, e roncava que nem um fóle de gaita, vae senão quando, acórdo ao som de dois ou tres tiros: A's armas! ás armas! que ahi vem os inglezes!»

Prevenidos a tempo pelos esculcas, sahiram-se d'esta vez do seu ripanso, e foram tractando de atravessar a ponte, sem nos darmos por elles; romperam pr'a frente e levaram adiante de si a grande guarda.

Ergui-me d'um pulo, deitei mão ao meu tambôr e puz-me a tocar a rebate — a recolher, — a carregar, e tudo mais que vocês ponham na sua ideia, um estardalhaço capaz d'accordar os mortos e de fazer andar os vivos n'uma dobadoira. Os outros, imitaram. Toca a armar baioneta, e sem vozes de commando, e até sem commandantes, entramos-lhe a dar trôco, — A' gentes! aquillo foi lambada de masso e móna — apanharam mais moxinga que o trigo n'uma eira. — Era uma em cheio, outra em falso.

O peior da festa era o elles terem cinco ou seis vezes mais gente que nós, e avezarem muito mais conhecimento do paiz, de módo que não estavamos mesmo nada á vontade, acreditem! Iam avançando sempre aquelles pedaços de ladrões, ganhando terreno, e eu a perceber que estavam ali estavam senhores da ponte, e nós com a retirada cortada — e separados do grôsso do exercito, que ficára do outro lado e mais o Messena.

A noite estava escura como breu. Ninguem sabia da ponta do nariz. Não estive lá com mais coisas, desálvoro por alli fóra e mais os meus tambores — por tal signal que eram doze — prégo com elles na entrada da ponte do sul, desengaço a tocar a carregar com uma furia que parecia doido, e avancei para onde estavam os inglezes a berrar com quanta força tinha — Ahi vem o Massêna! Elle ahi vem! Viva o Massêna! Lá vem elle a passar a ponte do sul. — Com a minha gritaria e o rufar dos tambôres, que avançavam a passo de carga, do extremo da ponte, os inglezes estacam, convencidos de que tinhamos recebido reforço; os francezes que iam recuando rompem para a frente, o Wellington entra a ter mêdo de cahir n'alguma ratoeira, manda tocar a retirada — e recolhe a quarteis. — O resto da noite passou sem novidade, e no outro dia, o Massêna, avisado do perigo, mandou-nos reforço. Não é por me gabar, rapazes, mas ahi tem vocês como eu, aquella noite, salvei a minha divisão, o exercito em pêso e a França por contrapêso. Que o Massena sabia-o perfeitamente; olha quem — mandou prantar o meu nome na ordem do dia do exercito e condecorou-me. — O gentes! — nam saber eu o b-á ba! a estas horas estava para ahi coronel ou general — se não estivesse rei — em qualquer canto do mundo, a reinar com os outros.

E vae d'ahi, foi d'então para cá que pegáram as bichas de me entrarem a chamar Ponte do Sul — por causa da chiada que eu fiz tão aproposito no dia da tal acção. E ahi tem vocês tudo quanto me rendeu «a Hespanha» Houve quem fizesse fortuna por lá — ; cá por mim apanhei a cruz — e o Massena apertou-me a mão diante de toda a gente, vi o meu nome para ahi escarrapachado na ordem do dia do exercito, e acreditem que foi merecido.

Quer sim quer não, o chefe d'estado maior do Massêna, que éra unha com carne com o general que commandava a divisão, na parte que mandou ao commando em chefe contou as coisas lá a seu modo e ás duas por tres o general, coitado, que não viu boia na empreitada d'aquella noite, e que em logar de dar ordens, ficou ás aranhas, recebeu parabens de S. Magestade o Imperador e Rei. Aquella sucia que usa dragônas é tudo a mesma gente.

E ahi fica a narração, um tanto longa talvez — do Ponte do Sul — cognominado tambem — Não Ostante —, em resultado do emprego frequente que fazia de tão guapo adverbio. Terminadas as guerras de Napoleão, o Ponte do Sul, que mais de uma vez, durante a campanha, encontrára ensêjo de cosinhar, e de supprir, a fôrça de rasgos de engenho, a falta de mantimentos, presentiu a sua legitima vocação, poz armazem de comes e bébes. Sensual como um medico, alégre como uma creança, preguiçoso como um notario — gordo como um frade bernardo, a penca assanhada que parecia uma lagosta cosida — falando pelos cotovêlos e falto de memoria, offerecia facil prêsa ás facecias dos numerosos freguezes. Estimadissimo da sua clientella, não obstante o rirem-se á custa d'elle e das suas campanhas, cem vezes narradas e repisadas, mas sempre com pormenores de novo.

Pin-Sel.

O JAGADO DE CASSANGE

EXCERPTO [1]

Cerimonias que se observam quando morre o Jaga de Cassange

Adoecendo o jaga, se os macotas consideram o mal de gravidade, tratam logo de despedir toda a gente da casa, obrigando o enfermo a entregar ao sobrinho herdeiro (Bumba Alta) todos os escravos e mais haveres do jagado, ficando só seis escravos para, no caso d'elle morrer, terem o respectivo destino.

O enfermo perde a vida por suffocado. É esta ordinariamente a morte do jaga de Cassange.

Morto o jaga, é conservado no logar em que morre durante tres dias, findos os quaes o Tendalla lhe arranca um dente que é entregue ao herdeiro, o qual o apresentará ao novo jaga, para ser collocado ao lado de outros, dos antecessores, na caixa das malungas (attributos do estado, sem os quaes jaga algum pode exercer o cargo); depois é vestido com os melhores pannos que possua, e na propria casa em que morre se forma uma especie de carneiro, onde é collocado com os taes seis escravos já de reserva e vivos, ficando todos debaixo da terra que se calca e com que se enche o carneiro.

Logo de seguida, se plantam arvores ao redor do carneiro e é abandonado pelo povo.

As pessoas que pertenciam ao defunto, passam a habitar com o herdeiro uma nova senzalla, e este fica sendo maquita com honras de jaga; e as que pertencem aos macotas retiram com seus senhores e só apparecem para a nova eleição.

Considerações do major F. de Salles Ferreira

Em consequencia da conquista feita das terras de Cassange e Iongo, pela rebellião do ex-jaga Bumba, e dos assassinatos de dois feirantes, ficou Cassange sujeito á Corôa, como dominio portuguez, e por essa occasião ficaram abolidos todos os usos gentilicos, que fossem contra a Religião Catholica e leis portuguezas.

E' de esperar que o governo, tomando em consideração tão util acquisição, como é a vassallagem de Cassange, (d'onde vem todo o marfim e grande parte da cêra que se exporta de Angola), dê todas as providencias para a conservação do que, com tanto trabalho, se alcançou, porque d'alli depende o pouco commercio que tem a provincia de Angola. — Loanda, 20 d'abril de 1853, (a) *F. de Salles Ferreira.*

Mal podia suppôr o benemerito official que assim terminava aquella sua descripção, que, pouco depois do seu fallecimento, toda a sua obra estava por terra, mas, ainda por muitos annos, como presentemente, proferindo os Cassanges o seu nome com verdeiro respeito; que successivas expedições lá voltassem a castigar os mesmos rebeldes, e que depois de lhes ser concedida a paz em 1863, tres annos depois os deixaríamos em abandono, para 30 annos mais tarde d'um goso de independencia e da nossa soberania desligados, se pensar, como se está fazendo, em de novo lhe irmos conquistar as terras pela força das armas.

Como tudo isto é triste.

Sobre os barbaros preceitos a que tem de sujeitar-se o jaga eleito em Cassange deu-me o N'Banza Xa Muteba noticia mais desenvolvida.

Morrendo o jaga fazem-se as cerimonias funebres em que intervem o indigitado herdeiro, e reunem-se logo os macotas que não podem ser jagas, e tambem os maquitas, ás familias dos quaes e por uma determinada escala se foi buscar o herdeiro. Os primeiros são descendentes dos que fizeram parte da côrte que acompanhou o primeiro jaga Quingúri, do seu paiz, entre o *Lulúa* e o *Lubilachi*, sendo o que tem maior grau entre elles o *Tendalla*.

Este é o mestre de cerimonias, o qual, depois de receber o povo n'uma grande audiencia, principia por dançar desenfreadamente ao som dos instrumentos de pancada na arena formada pelos espectadores. Vae depois buscar o filho do maquita que deve ser eleito e apresenta-o ao povo, discursando sobre todas as qualidades que n'elle concorrem para ser um bom jaga.

Depois d'isto pode este já exercer as funcções, porque não tem havido exemplo do povo não ter recebido bem a apresentação de um jaga pelo tendala, pois que esta só é feita pela maioria dos que teem voto na eleição e passados dias de renhidas discussões sobre os pretendentes e melhor prova sobre os direitos de cada um; e termina sempre aquelle acto, por grandes festas durante tres, quatro e mais dias segundo as posses da familia do eleito, por conta de quem corre as despezas com comidas, bebidas, musica, danças e polvora na descarga das suas armas constantemente em todos aquelles dias e noites.

Não deve o escolhido addiar por muito tempo o sujeitar-se ao cumprimento dos preceitos estabelecidos, aliás começa a intriga e reinando esta, poucos dias lhe sobrevive, sendo morto por feitiços, melhor diriam, veneno.

Para a primeira prova ou preceito, é o jagado encerrado n'uma casa durante oito dias com uma rapariga nova, que tambem antes se sujeita a cer-

[1] Veja-se as nossas *Publicações*.

tas cerimonias para ser agraciada com um titulo de grandeza.

A ambos se untam os corpos com materias gordurosas, não lhes faltando alimentação abundante, que lhes é levada pelos macotas, e ninguem os perturba nem mesmo os vê.

Vivem todos aquelles dias um para o outro, mas logo em seguida o tendala vae buscar o jaga e isola-o n'uma casa especial onde soffre a circumcisão. Esta casa é orientada de modo que a porta fica á beira de um riacho, e no dia em que o jaga sae para ser saudado pelo seu povo, colloca-se o corpo de um homem recentemente e para esta cerimonia morto, gotejando sangue do peito, ventre e outras partes, atravez o riacho em frente da entrada, de modo que o jaga saindo, o mais bem trajado que é possivel, ha de passar sobre elle, ensopando os pés no sangue derramado. N'essa occasião um maquita que o espera dá-lhe uma faca como insignia e com ella o jaga corta a cabeça á victima e banhando as mãos no sangue atira com ella ao povo que a recebe com grandes alaridos, gritos e assobios, emquanto elle esfrega as mãos uma na outra procurando assim enxugal-as.

Sendo rodeado depois só por maquitas, estes despem-n'o, e suspendem-lhe adeante e atraz, de uma corda posta á cintura, pelles pequenas de animaes e põem-lhe na cabeça, nos braços e pernas diversas insignias do poder.

Agacham-se depois os maquitas, signal de respeito, esfregam-se com terra e rojam-se pelo chão, ao mesmo tempo que tocam os instrumentos, e que o povo berra, assobia e bate com as palmas das mãos. O jaga passa então entre os maquitas que se levantam para o seguir e approxima-se do povo que logo o cerca.

Dança então dando grandes pulos e levantando de quando em quando as pelles para que todos vejam que foi circumcisado, na casa especial em que esteve isolado.

É depois d'isto que se passa á ultima prova. Enterra a azagaia, que lhe entrega o tendala, no corpo d'um rapaz que esteja na roda quando acabou de dançar, e retira para descançar, emquanto se esquarteja e se cosem em panellões as pernas d'aquella nova victima de mistura com gallinhas, carne de cabra e de outros animaes, não faltando a de boi se a houver.

A cerimonia continua geralmente até ao sol posto, vindo o jaga para fóra onde está o povo acompanhado já com os da sua côrte. O tendala apresenta-lhe então um dos panellões e elle dançando mette n'este a mão d'onde tira um pedaço de carne que ali mesmo come.

Todos em seguida tratam de fazer o mesmo e ai d'aquelle que o não faz. Desde então até madrugada só se dança e bebe; ultimamente já se bebe aguardente.

D'ahi em deante o jaga tem de se acautelar dos *quixindas* «escravos» que são induzidos para o matarem de algum modo pelos que lhe invejam o cargo.

O jaga quando morre fica exposto em completa nudez emquanto se não apresenta o herdeiro para o cobrir com uma esteira, e é então que, depois de lhe arrancarem um dente, que se guarda no especial cofre como reliquia do estado, o vestem e lhe fazem o enterro de noite, sepultando-o com dois rapazes e duas raparigas vivos. Sobre as grandes elevações de terras que fazem sobre o logar em que o sepultaram, depositam um homem e uma mulher mortos na occasião para serem pasto das feras, com receio que estas ainda venham procurar o corpo do jaga.

Agora, para concluir transcrevo dos benemeritos exploradores Capello e Ivens o que foi do seu conhecimento.

As cerimonias usadas para com o jaga eram taes, que nenhum vassallo se apresentava perante elle sem ajoelhar.

Não se atreviam a tocal-o, nem a olhal-o sequer.

A vontade d'elle era tudo; a vida dos subditos estava á mercê dos seus caprichos; ao menor crime, se lhe parecia, mandava applicar a pena de morte.

Com o intuito de dar a medida approximada dos horrores e crueldades por estas terras perpetrados, cuja idéa faz tremer, ouvi leitor, em breve resenha a narração da serie de cerimonias que se praticam pela morte de um jaga, ao investir-se o outro na suprema governação.

Morto que seja aquelle, é propalada a noticia pelo estado, é immediatamente envolvido em numerosas peças de fazenda, e sentando-o n'uma cadeira, collocam-n'o ao centro do quarto mais amplo da habitação, ponto em que mais tarde, ao concluirem os singulares actos, será inhumado.

Em seguida põem-lhe a *cajinga* na cabeça, dispersando em roda do defunto armas, cachimbos e todos os pertences que em vida usou, introduzindo-lhe na bocca tres pennas vermelhas da cauda de um papagaio. Começam então os batuques e danças proprias, até á chegada do successor, que passará a satisfazer os preceitos.

O alarido, os choros, as saudações, os sorrisos e as palmas, são a ordem do dia, que a aguardente a gallões, as salvas de mosqueteria e a mortandade de gado completam.

Consagrados os primeiros dias a estes mixtos signaes de pesar e regosijo, principiam as cerimonias.

Os macotas reunidos, circundam o novo jaga, transportando-o a um logar escolhido, geralmente n'um campo, sobre uma arvore, onde se acham de um lado artigos de guerra de toda a especie, do outro enxadas e objectos empregados na agricultura, symbolos de guerra e do trabalho.

Saindo então do grupo, o jaga avança impavido. Ninguem se mexe! Todos observam attentos e esperam a resolução suprema.

Após pequena pausa, em que o chefe, recolhendo-se, olha alternativamente para as armas e enxadas, decide-se, e lança mão do artigo que lhe apraz.

Era o signal esperado, e n'esse momento dividem-se as opiniões, que produzem grande confusão.

Se o jaga tomou uma arma ou uma azagaia, o grupo d'aquelles que se pronunciam pelas aventuras guerreiras felicita-o, fazendo aos adversarios, propensos á paz, caretas e momices no intuito de os cobrir de ridiculo. Se o contrario succede, os primeiros é que são as victimas dos outros.

Regressando de novo á habitação, demoram-n'o ahi emquanto emissarios especiaes vão buscar um infeliz á senzala de *Cambundi Catembo*, para ser immolado na cerimonia vigiando-o constantemente os macotas do antigo jaga.

Chega emfim o dia do segundo preceito, cuja descripção faz estremecer de horror.

O pobre homem que trouxeram illudido da referida senzala para junto de um riacho não longe da *banza* «povoação do jaga», e ahi conservam amarrado durante dias, é cruelmente morto quando chega a comitiva, aos gritos e urros da horda de barbaros.

Abrindo-lhe o ventre do *sternum* até ao *pubis*, collocam-n'o proximo da agua, e o novo jaga, introduzindo os pés nas entranhas ainda fumegantes da victima, atravessa o rio no meio dos mais hediondos tripudios, amparado elle e o cadaver pelos maioraes, sendo depois conduzido em triumpho até á sua residencia.

A' medonha cerimonia da *barca humana* segue-se o *dicongo* ou banquete do Quingúri [1].

Outro sacrificio humano tem então logar.

Um segundo miseravel, em geral fornecido pelas terras do Minungo, do soba Muene N'Dundje, é junto da *m'bala* barbaramente assassinado em honra do mesmo Quingúri; e esquartejando-o ao mesmo tempo que immolam um boi e uma cabra, juntam uma perna de cada um d'estes animaes á do homem, afim de coserem tudo em vasta panella, da qual o novo jaga comerá. Uma simples manifestação da repugnancia da sua parte bastaria para o perder.

Durante o tempo gasto por estes bandidos nas infernaes cerimonias, tratam de extorquir quanto podem aos povos visinhos, principalmente aos negociantes.

Antes do jaga provar o horrido petisco passeiam elles pelos estabelecimentos com a panella, instando com todos para que comam do conteúdo, sob pena de pagarem determinada multa, quasi sempre em aguardente.

N'essa epocha, em Cassange, ha sempre o perigo de incorrer em delictos, que muitas vezes teem por origem os mais desarrasoados pretextos.

Ouvimos sustentar que o possuir uma gallinha branca, quando se tratava da eleição do monarcha, era caso para serio *mu-cano* (pagamento como castigo por infracção de lei), a que o proprietario de modo nenhum se evadia!

Na residencia, emfim, jaga e macotas devoram as alludidas pernas até aos ossos.

É inacreditavel a fertilidade de imaginação dos indigenas para este genero de creações!

As monstruosidades das cerimonias para a confirmação do jaga eleito termina pela circumcisão. É conduzido o novo jaga perante o cadaver do antecessor, que ao tempo se acha putrefacto, dando-se seguidamente cumprimento á ultima e mais repugnante prova.

Tiram as pennas de papagaio que o alto personagem finado tem na bocca e obrigam o outro a chupar o liquido n'ellas contido; em seguida põem as *ma-numa* ao novo jaga, e proclamam-n'o, tomando desde logo a direcção suprema do estado.

Devo dizer que parte d'estas cerimonias deixaram de ter logar por intervenção do major Francisco de Salles Ferreira, e hoje falla-se d'ellas devido á tradição, mas como se praticassem ainda.

Concluem os illustres exploradores com uma nota especial esta sua narração, deduzindo ter tido logar no fim do seculo XVI, approximadamente, a conquista de Cassange e a invasão dos Tembos; mas o que é positivo á falta de outros documentos, como ficou dito, é terem-nos apparecido os Cassanges com tal denominação nos primeiros annos do seculo XVII mas não no logar em que hoje estão estabelecidos e sim nas terras de Ambaca onde em 1624 os portuguezes castigaram o seu arrojo em roubarem os pombeiros, desbaratando-os e perseguindo-os.

Henrique de Carvalho.

[1] Em nota dizem os benemeritos exploradores que — *Quingúri*, — parece representar o espirito do velho jaga. N'isto houve má interpretração do narrador. Aquelle, que elles invocam em todos os seus actos de soberania e o fazem com todo o respeito, é o fundador do jagado, o lunda irmão de Luéji, de quem por vezes me tenho occupado n'esta *Memoria*.

O DESCOBRIMENTO DO BRAZIL

(Narrativa de um marinheiro)

(Continuado do numero 754)

VIII

A ARMADA DE PEDRO ALVARES SEGUE PARA A INDIA — VIAGEM TORMENTOSA — NAUFRAGIO DE QUATRO NAVIOS — LUCTAS NA INDIA — O REGRESSO

Na manhã de sabbado 2 de maio de 1500 levantaram ancoras os navios da expedição de Alvares Cabral, deixando em Porto Seguro a affirmativa da chegada dos primeiros portuguezes ás novas terras de Santa Cruz. (1)

Faziam-se de rumo á India, seu primitivo destino, e aonde uma alta missão levava o capitão-mór.

Para dar a fausta noticia do descobrimento da nova terra a D. Manoel, enviou n'esse mesmo dia Alvares Cabral a Gaspar de Lemos, com o seu navio transporte, já descarregado dos mantimentos. N'elle vinham dois naturaes, ou indios, (2) as cartas, as aves e mais objectos indigenas destinados ao soberano.

Falam os chronistas do grande prazer que tal noticia causou na côrte e no paiz, mas, estando todas as attenções voltadas para a India, não se poude apreciar com justiça o valor das novas regiões descobertas.

Acompanhemos nós o heroe á India para depois assistirmos á sua entrada em Lisboa.

Bem se pode imaginar a grande tristeza com que ficaram nas terras de Santa Cruz os dois degredados, e viram, de olhos marejados pelas lagrimas, desapparecer ao longe, na amplidão do Oceano, os navios portuguezes. (3)

Contrastava com esta tristeza a natural alegria dos valentes navegadores pelo feliz

(1) Castanheda e Barros dizem que a partida foi no dia 9. Vê-se que laboraram em erro.

(2) Como a algumas das novas regiões descobertas no Occidente chamaram os navegadores *Indias Occidentaes* tambem aos indigenas d'aquellas terras deram a designação geral de *indios*, que ainda hoje se usa.

(3) D'estes infelizes sabe-se que ainda um logrou tornar a vêr a mãe patria.

acontecimento, que tanto os illustrava na sua derrota.

Ia a frota com direcção ao Cabo da Boa Esperança, e esta travessia orça por umas mil e duzentas legoas de mar bravo e tormentoso, em que nos primeiros dias seguiram com vento de feição.

A 20 de maio sobreveiu uma tão furiosa tempestade que, apanhando os navios com o panno todo, não houve tempo de arrear e carregar as gaveas.

N'um instante foram a pique quatro navios, do commando de Ayres Gomes da Silva, Simão de Pina, Vasco de Athayde e Bartholomeu Dias, o immortal descobridor do Cabo da Boa Esperança. O illustre nauta portuguez encontrou a sepultura nas alturas da grande ponta da terra africana, que elle fôra o primeiro a passar.

A's outras embarcações pouco lhes faltou tambem para sossobrarem. D'esta vez a passagem do Cabo assignalava-se terrivelmente na historia maritima de Portugal.

O mau tempo durou uns vinte longos dias, durante os quaes se não avistou terra alguma, correndo os navios em arvore secca.

Em 16 de julho deu Alvares Cabral no parcel de Sofala, [1] descobrindo costa para elle desconhecida. Navegou ao longo d'ella, vendo grande arvoredo e muito gado.

A 20 do mesmo mez ancorou a armada em Moçambique, seguindo poucos dias depois para Quiloa, onde se lhe reuniu a náo *Rei*, com as outras da sua conserva, ás quaes o fortissimo temporal dispersara.

N'este porto, onde chegou a 26 de julho, conferenciou Alvares Cabral, a bordo da náo capitana, com Ibrahim, rei d'aquelle Estado e que tentou urdir traição contra o illustre capitão-mór. Todavia um irmão do rei de Melinde, que se encontrava em Quiloa, revelou-lhe os perfidos intentos do rei, pelo que Alvares Cabral, ao terceiro dia das visitas, seguiu ávante até Melinde, [2] cujo rei, muito leal ao tratado que pactuara com Portugal, por occasião da viagem de Vasco da Gama, se encheu de alvoroço ao tornar a ver gente portugueza e o seu embaixador carregado de magnificos presentes.

Recebeu Cabral muitas dadivas do monarcha melindano, que o proveu de mantimentos e refrescos, dando-lhe tambem dois pilotos guzerates para guia, indo surgir com uma feliz viagem ás ilhas Angedivas em 23 de agosto. Aqui se demorou a armada uns quinze dias para provimentos.

(Continúa).

---

[1] Por ordem de D. Manoel, expressa no regimento d'esta viagem, tinha Alvares Cabral ordem de enviar Bartholomeu Dias, o qual pereceu, como vimos, nas alturas do Cabo da Boa Esperança, e seu irmão Diogo Dias, a Sofala, a fim de negociarem as mercadorias de que iam carregados, a troco de ouro, de que havia alli muita quantidade, e de cujo commercio estavam então senhores os mouros.

[2] Por um dos artigos do regimento que D. Manoel deu a Pedro Alvares Cabral, ordenava-se-lhe que tocasse em Melinde, para entregar ao rei o presente que conduzia e o seu embaixador, e que lhe offerecesse a sua amizade para tudo o que precisasse.

NECROLOGIA

JOSÉ FERREIRA CHAVES

No dia 9 do corrente, a morte fulminou em plena actividade este conhecido artista, antigo professor da nossa Academia das Bellas Artes, e de lance tão inesperado deram conta minuciosa os jornaes do dia seguinte.

Mal supporia a familia, quando elle sahiu pela manhã de casa, mal supporiam os seus alumnos, quando deixou a aula, que não o tornariam mais a vêr!

Sahindo tambem de manhã, cerca das 9 e meia, da Escola de Bellas-Artes, despediu-se de todos sem que desse o menor indicio de que ahi a breve trecho cahiria victima, provavelmente, de alguma lesão cardiaca.

Ao passar em frente do governo civil, proximo das 10 horas, sentiu-se incommodado e tentou agarrar-se ao candieiro da esquina da rua Anchieta.

JOSÉ FERREIRA CHAVES — FALLECIDO EM 9 DO CORRENTE

Baldado, porém, foi o seu esforço, porque caiu desamparadamente no chão.

Soccorrido por alguns cavalheiros foi conduzido ao hospital n'um trem.

Quando chegou ao hospital era já cadaver e o corpo ficou na egreja do Soccorro, onde foi velado pelos estudantes da aula de pintura historica da Academia de Bellas Artes.

José Ferreira Chaves era natural da villa do seu ultimo appellido, onde nasceu a 31 de agosto de 1838. Tinha portanto 51 annos completos. Casara em 22 de fevereiro de 1873 com a ex.ma sr.a D. Maria da Gloria de Bregaro Bulhões, com contracto anti-nupcial.

Por testamento datado de 26 de outubro de 1891 instituiu universal herdeira a sua esposa, e legou varios objectos d'arte a alguns dos seus amigos.

Ferreira Chaves frequentara a nossa Escola de Bellas Artes, mas não seguiu profissionalmente a carreira artistica. Dedicou-se á burocracia, tendo sido um dos mais intelligentes e zelosos empregados da camara municipal. Desde 1890 que se achava aposentado, tendo alli servido durante 33 annos.

Não obstante os deveres do seu cargo, que cumpria irreprehensivelmente, Ferreira Chaves, deu muitas provas da sua applicação e do seu talento.

Discipulo de Antonio Manuel da Fonseca e de Metrass, dedicou-se todavia especialmente á pintura de flores, de natureza morta e ao retrato. Foi um dos membros mais dedicados da Sociedade Promotora, a cujas exposições concorreu quasi sempre, obtendo diversas medalhas.

Na Exposição internacional do Porto alcançou menção honrosa e n'outra realisada na mesma cidade uma medalha de ouro. A' Exposição internacional de Madrid de 1871 concorreu com o retrato de José Ignacio de Araujo e um quadro de flôres e fructos.

Academico de merito, foi chamado por morte de Lupi a reger interinamente a cadeira de pintura historica, missão que desempenhou com todo o amor e escrupulo, sendo um dos seus mais notaveis discipulos o sr. José Velloso Salgado.

Ferreira Chaves era cavalleiro de S. Tiago e director da Academia de Bellas-Artes. No Museu Nacional ha um quadro seu, offerecido em 1868, representando um vaso com flores.

Dos seus ultimos trabalhos destacam-se dois retratos, de corpo inteiro e tamanho natural, do sr. D. Duarte de Alarcão e esposa, de Coimbra, e que figuraram no «Salon» de Paris.

A' Academia das Bellas Artes legou o fallecido o seu busto em marmore, esculpido pelo seu illustre collega e amigo José Simões d'Almeida Junior; e á bibliotheca da mesma Academia a sua livraria.

Intelligencia culta, caracter bondoso, espirito recto, Ferreira Chaves reunia as qualidades que o tornaram uma individualidade sympathica tanto no meio social como no meio artistico. A sua morte accrescida com a circumstancia da surpreza, causou o mais profundo abalo em todos aquelles que lhe consagravam o preito da admiração e da estima.

Egualmente na vida intima, Ferreira Chaves era encantador, lhano e affavel, amigo do seu amigo.

Todos os discipulos lhe queriam como a verdadeiro pae; e por isso o seu funeral não teve um acompanhamento de convenção, foi uma verdadeira romaria de saudade, em que muitos choraram sentidamente a perda do homem que para uns tinha sido um amigo dedicado e um companheiro leal, e para outros um professor bondoso e cheio de attenções.

A' desolada esposa do extincto a expressão do nosso profundo sentimento.

Recebemos e agradecemos:

O jagado de Cassange *na provincia de Angola — Noticias e factos mais importantes devidamente documentados dos povos cassanges (bângalas) e das suas relações com os portuguezes desde as conquistas até aos nossos dias*, por Henrique A. D. de Carvalho — *Lisboa — Typographia de Christovão Augusto Rodrigues, 60, Rua de S. Paulo, 62, 1898.*

Em 7 de junho ultimo — imagine-se desde quanto tempo estamos devedores! — recebemos do nosso antigo amigo e companheiro de trabalho sr. Henrique de Carvalho esta importantissima *Memoria*, que assim a intitulou modestamente o notavel estudo presente.

Pelo seu suggestivo e claro titulo se vê bem como para a historia da nossa provincia de Angola fica sendo este livro de summa importancia e de indispensavel conhecimento.

Escripto em grande parte sobre investigações pessoaes das tradicções, julgou tambem o auctor de toda a conveniencia rever n'elle e relembrar os apontamentos que existem sobre o assumpto, constituindo assim uma serie de buscas e compilações que vem «poupar muito tempo e fastidio aos estudiosos».

N'outro logar do nosso periodico extrahimos da interessante memoria um dos capitulos finaes. Sirva elle de amostra e de compensação pela forçada demora em noticiarmos este livro e de expressão de muito agradecimento ao seu illustre auctor.